

OS PERCURSOS ESCOLARES DE CINCO ALUNOS DE UMA CLASSE DE ACELERAÇÃO I: TRAJETÓRIAS DE PERCALÇOS

VIÉGAS, Lygia de Sousa¹

SOUZA, Marilene Proença Rebello de²

Gente lavando roupa amassando o pão

Gente pobre arrancando a vida com a mão

No coração da mata gente quer prosseguir

Quer durar quer crescer gente quer luzir(...)

Maurício Lucila Gildásio Ivonete Agripino Gracinha Zezé

Gente espelho da vida doce mistério

[Gente, Caetano Veloso]

I. INTRODUÇÃO:

O presente artigo parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada “Do Fracasso Escolar à Sala de Aula Bem Sucedida: Uma Construção das Classes de Aceleração?”³, que buscou contribuir para o levantamento e análise dos aspectos envolvidos no processo de escolarização bem sucedido. O foco deste trabalho foi uma Classe de Aceleração I⁴, escolha baseada no fato de esta ser composta, justamente, por alunos que com uma defasagem entre suas idades e a série que estariam cursando tendo, portanto, desde cedo, sua escolarização marcada pelo “fracasso”.

Em tal pesquisa priorizou-se, inicialmente, o tema do professor bem sucedido, enfatizando os processos de funcionamento da sala pesquisada que foram considerados como constituintes do seu sucesso⁵. A pesquisa traçou, ainda, um perfil global dos alunos desta sala quanto a características tais como idade, sexo, defasagem série/idade, dentre outros. Para tanto,

¹ e ² Do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

³ Esta pesquisa ainda contou com a participação da psicóloga Alessandra Nagamine Bonadio, tendo sido financiada pela FAPESP e pela CNPq.

⁴ “Reorganização da Trajetória Escolar no Ensino Fundamental: Classes de Aceleração”: Projeto elaborado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, e implementado em 700 escolas, em 1996. Visa reorganizar, através de uma proposta curricular específica, a trajetória de alunos multirepetentes. (Cf. SEE - SP, Documento de Implantação, 1996).

realizou um levantamento individual das histórias escolares e, em certa medida, de vida de cada um dos alunos que frequentaram esta classe, constituindo-se um rico material a respeito da história de escolarização das crianças e adolescentes que a compunham.

Se, por um lado, o agrupamento dessas histórias em categorias possibilitou a realização deste perfil da classe; por outro lado, as particularidades de cada uma das diferentes histórias que marcavam o processo de escolarização de seus alunos acabaram-se apagando em meio às generalizações necessárias ao tratamento estatístico de dados. Entendemos, no entanto, que tais particularidades falam muito sobre o *como* e *porquê* cada um dos alunos desta classe acabou indo parar lá, assim como sobre *quem* são eles. A análise de cada caso possibilita um conhecimento das situações concretas de vida que conduziram crianças e adolescentes a uma classe voltada para alunos com defasagem série/idade, ou seja, que não conseguiram escolarizar-se no período oficialmente esperado.

Assim, se tal perfil global da classe demonstrou que todos os alunos que lá se encontravam tinham, em comum, o fato de possuírem tal defasagem série/idade, apenas a análise de cada uma das histórias individualmente pôde revelar como e porquê esta defasagem se deu. Ao colhermos depoimentos das crianças, familiares e professora, pudemos descobrir, em cada história, fatos e situações que determinaram tal defasagem (uma doença grave; a perda dos documentos necessários para a matrícula; dentre outros). Outro aspecto deste perfil que tomou vida quando analisado em cada história foi o fato de muitos desses alunos serem provenientes de outras cidades e estados do país. Apesar de se enquadrarem na categoria “migrantes”, cada uma das migrações aconteceu em situações distintas, particulares, que consideramos importante resgatar, dada sua comprovada relevância.

Cada uma dessas análises (tanto o perfil global da classe quanto o resgate das histórias individuais) proporcionou uma compreensão distinta, e não menos importante, dos alunos da classe pesquisada: a análise do perfil global da classe, de caráter mais abstrato, foi de fundamental importância na compreensão do universo total dos alunos; o resgate de suas histórias individuais, por sua vez, pôde apresentar as condições concretas de vida que determinaram os rumos tomados individualmente.

⁵ Artigo sobre tal aspecto foi apresentado na 22ª reunião da ANPEd, em 1999, com o título “O Resgate do desejo de aprender: uma experiência educacional bem sucedida em uma Classe de Aceleração”.

O objetivo deste artigo é, portanto, apresentar ambas as análises, enfatizando a reconstituição dessas histórias e suas repercussões sobre o processo de escolarização. A intenção é de voltar o olhar para essas condições de vida de cada uma dessas crianças, para a realidade concreta que as conduziu a uma classe como a Classe de Aceleração I. Pretende-se, em última instância, dar vida aos dados do perfil, habitá-los. Segundo Patto (1990), “Somente quando temos a possibilidade de apreender o heterogêneo no aparentemente homogêneo, o plural onde se costuma falar no singular é que adquirimos condições de realizar a ascensão do abstrato ao concreto...” (p. 4).

Neste artigo, optamos por apresentar aquelas histórias de vida que consideramos significativas por representar a natureza dos percalços que constituem a construção da trajetória escolar dessas crianças e que culmina com a exclusão/expulsão da criança do ensino fundamental. Esperamos fornecer, assim, subsídios para a reflexão a respeito da escolarização daqueles que constituem a parcela mais pobre da população.

II. METODOLOGIA:

A pesquisa realizou-se em uma Classe de Aceleração I situada em uma Escola Pública Estadual da capital paulista, durante o ano de 1997, utilizando a abordagem etnográfica. A etnografia tem se mostrado como uma perspectiva relevante na pesquisa educacional, dada a complexidade dos seus processos, conforme apontam André (1983; 1997); Ezpeleta e Rockwell (1986); Mercado (1987); Patto (1990); Souza (1997); e outros.

Como já foi dito, esta pesquisa incluiu a análise de outros aspectos que não serão abordados neste artigo, dado seu objetivo que é o de apresentar mais profundamente os alunos que compuseram esta classe. O foco deste artigo encontra-se, portanto, na análise das histórias dos alunos da Classe de Aceleração I, em questão.

Nossas principais fontes de dados foram: a vida diária da sala de aula (que possibilitou a convivência entre pesquisadoras e alunos); os documentos escolares; assim como os depoimentos dos pais, da professora e dos alunos sobre a trajetória escolar e de vida que marcaram tais trajetórias. Para tanto, utilizamos os seguintes procedimentos: observação participante, anotações de campo e registros ampliados (Cf. Mercado, 1987), entrevistas com a professora; leitura dos

prontuários escolares de cada um dos alunos da sala estudada; encontros com os alunos, individualmente e em grupo; visitas domiciliares.

A análise de dados, na dimensão quantitativa, compreendeu tratamento estatístico e gráfico dos dados dos prontuários escolares dos alunos. O objetivo deste levantamento era traçar um perfil quanto ao sexo, origem familiar, idade, defasagem série/idade, assim como os motivos que produziram tal defasagem. A análise qualitativa, por sua vez, objetivou conhecer a trajetória escolar de cada um de seus alunos, bem como desvelar suas vicissitudes. Tal análise será apresentada a partir de cada um dos casos, que, por sua vez, estarão divididos em: a) sua **História de Vida**; b) sua **Trajétoria Escolar**.

A **História de Vida** foi contada a partir dos dados coletados nas entrevistas com os familiares, assim como com as crianças. Estes dados foram obtidos nas visitas domiciliares e nos encontros individuais com os alunos da classe. Vale ressaltar que, inicialmente, o foco de tais entrevistas não era resgatar a história de vida dos alunos, senão de conhecer suas trajetórias escolares. O contato com suas histórias de vida se deu tão somente porque suas trajetórias escolares eram imersas nessa história, riqueza que foi revelando-se no decorrer de cada uma das visitas domiciliares e encontros individuais.

O resgate da **Trajétoria Escolar** foi feito a partir do cruzamento de quatro versões pesquisadas: a versão do aluno, obtida no encontro individual; a de seus familiares, obtida na visita domiciliar; a da professora, obtida na entrevista; e a obtida pela análise dos prontuários escolares. Tais versões, por vezes, não eram perfeitamente coincidentes. Nesses casos, optamos por aquelas que parecessem mais consistentes se comparadas com nossas observações e outras atividades em campo. Este cruzamento chama-se *Encontro das versões*.

III. PERFIL GLOBAL DOS ALUNOS:

A sala de aula pesquisada era formada por 19 alunos, sendo 58% meninos e 42% meninas, cujas idades variavam entre 10 e 14 anos. O processo migratório marcou a escolarização de grande parte dessas crianças e adolescentes: mais da metade da classe era proveniente das regiões norte, nordeste e centro-oeste do Brasil.

A defasagem série/idade dos alunos desta classe variava entre dois e cinco anos, sendo que a maior parte dos alunos tinha defasagem de dois e três anos (64%). Os motivos subjacentes

às defasagens eram diversos, variando entre reprovações, interrupções, abandonos, transferência e não frequência à escola por pelo menos um ano. Em muitos casos a defasagem era decorrente da combinação de dois ou mais destes motivos.

Diferentemente do que previa o Projeto Classes de Aceleração, apenas 37% apresentavam em sua história escolar alguma reprovação, ainda que combinada com outros motivos de defasagem, sendo os meninos mais atingidos do que as meninas. As interrupções eram a grande marca nos percursos escolares dos alunos desta classe. Chegando a atingir 58% da classe, tais interrupções ocorreram sobretudo na primeira série. Do total da classe, 53% deixaram de frequentar a escola por pelo menos um ano, em função de circunstâncias como: mudanças de bairro, cidade, estado; doença pessoal ou na família; perda de documentos; ou falta de vagas.

IV. RESGATE DAS HISTÓRIAS INDIVIDUAIS DOS ALUNOS:

Apresentaremos, agora, mais detalhadamente, o caso de cinco alunos cujas histórias são representativas da realidade pesquisada: Bruna, Janaína, Carla, Carol e Sebastião⁶.

***A HISTÓRIA DE BRUNA E AS CONSTANTES MIGRAÇÕES**

a) História de Vida

Bruna nasceu no interior da Bahia, em 08/12/1986, tendo, na época da pesquisa, 10 anos. A sua história de vida é marcada por constantes mudanças de cidade, sempre para São Paulo, o que acabou por marcar sua escolarização com interrupções constantes. Assim, desde os 7 anos Bruna matricula-se todos os anos na escola, mas sempre interrompe a escolarização pela necessidade, de sua família, de mudar-se para São Paulo. Não apenas a mudança, mas também a falta de vagas nas escolas públicas da capital paulista acabaram por comprometer o seu processo de escolarização.

Segundo sua mãe, Bruna já estava praticamente alfabetizada, mas não obtinha aprovação escolar pois sempre tinha de interromper seus estudos. Tais interrupções foram vividas por Bruna com sofrimento. Sua mãe nos disse, no entanto, que teriam de voltar para a Bahia ainda em 1997, antes do final do ano letivo, pois seu marido estava lá, e muito doente. A aluna disse não

⁶ Os nomes dos alunos que aparecem neste artigo são fictícios.

querer ir no meio do ano, para não ter de repetir de novo, uma vez que já sabia as lições, e não queria re-começar mais uma vez.

b) Trajetória Escolar

- *Versão da Aluna:* Bruna disse que, na Bahia, aos 6 anos fez o pré, ingressando, com 7 anos (1994), na primeira série. Kursou-a somente até o meio do ano, pois mudou-se para São Paulo, onde não estudou mais, por falta de vagas. No início de 1995, com 8 anos, retornou à Bahia, onde fez, novamente, a primeira série, desta vez até o fim. Com 9 anos, kursou a segunda série até setembro, interrompendo os estudos para voltar para São Paulo, onde novamente ficou sem estudar por falta de vagas, embora tenha frequentado, a partir do final do mesmo ano, uma creche no bairro. Com 10 anos, através desta creche, conseguiu uma vaga na Classe de Aceleração I da escola pesquisada.

- *Versão da Família:* Segundo sua mãe, Bruna ingressou na escola, em 1993, aos 6 anos de idade, para kursar o pré, na Bahia. Com 7 anos, ainda na Bahia, começou a primeira série, mas interrompeu no meio, para vir a São Paulo, onde ficou sem estudar por falta de vagas. Com 8 anos (1995), ainda em São Paulo, iniciou novamente a primeira série, que kursou até julho, ficando, depois disso, sem ir à escola. A partir do final desse mesmo ano, Bruna passou a frequentar uma creche do bairro, em 1996, com 9 anos. Aos 10 anos, em 1997, kursou a Aceleração I, na escola pesquisada, à tarde, frequentando a creche pela manhã.

- *Versão da Professora:* A professora destacou que o pouco contato com a família impedia que tivesse um maior conhecimento da história escolar de Bruna, dizendo que as informações obtidas o foram sempre através da própria aluna. Assim, segundo o que sabia, a aluna já tinha estudado em outras escola, na Bahia, estado onde nasceu, mas não havia concluído nenhuma série, pois sempre interrompia, a fim de mudar-se de cidade.

Sabia, também, que a aluna havia conseguido a vaga na escola pesquisada através de uma creche que frequentara no ano anterior, perto de sua casa. Falou, ainda, que a aluna entrou na sua classe um pouco depois do início do ano letivo. Não sabia especificar a série que ela seria matriculada (primeira ou segunda), mas sabia que, pela sua idade “mais avançada”, acabou sendo encaminhada para a Classe de Aceleração I.

- *Versão obtida a partir da Análise dos Prontuários:* Na documentação consta certidão de nascimento, ficha de cadastramento, comprovante residencial, e solicitação de matrícula na Aceleração I, em 1997. Não há referência sobre sua procedência escolar.

- *Encontro das versões:* Em 1993, aos 6 anos, Bruna frequentou, na Bahia, o pré. Em 1994, com 7 anos, ingressou na primeira série, sem, no entanto, concluí-la, pois mudou-se para São Paulo, onde não encontrou vagas. No final do ano, retornou à Bahia, onde, em 95, com 8 anos, reingressou na primeira série. Com 9 anos, ainda na Bahia, iniciou o ano letivo, mas novamente não concluiu, porque mudou-se, mais uma vez, para São Paulo. Ficou alguns meses sem estudar, até que começou a frequentar uma creche, em 1996. Foi através da creche que conseguiu uma vaga na escola pesquisada, no ano de 1997, onde frequentou, com 10 anos, a Classe de Aceleração I. No período da manhã, continuou indo à creche.

*A HISTÓRIA DE JANAÍNA REVELANDO A BUROCRACIA ESCOLAR

a) História de Vida

Janaína nasceu na cidade de São Paulo (01/01/85), tendo, no momento da pesquisa, 12 anos. A aluna tem sua história escolar estritamente vinculada a sua história de vida: Janaína perdeu sua mãe quando ainda era muito pequena, provavelmente na mesma época de seu nascimento. Seus documentos ficaram perdidos nesta época, e só foram providenciados novos documentos recentemente, o que possibilitou que ela se matriculasse na escola pesquisada, já na Classe de Aceleração. Durante este período, não pôde frequentar a escola, pois não tinha a documentação completa requerida pela escola. A aluna, no momento da pesquisa, morava com o pai e as irmãs numa comunidade próxima à escola. Além da escola, tinha, por vezes, de cuidar de um sobrinho pequeno, o que a fazia faltar.

b) Trajetória Escolar

- *Versão da Aluna:* Janaína relatou que nunca fora à escola antes de entrar na Classe de Aceleração, pois não tinha certidão de nascimento (perdida desde a morte da mãe). Disse ter frequentado apenas uma creche, aos 8 anos, não tendo, no entanto permanecido lá o ano inteiro. Seu retorno à escola só se deu em 1997, quando, já com uma segunda via da certidão de nascimento, matriculou-se na Aceleração I.

- *Versão da Família:* Segundo o pai, Janaína nunca fora à escola em função da perda de seus documentos. Aos 8 anos, frequentou uma creche, onde, segundo ele, ela não aprendeu nada. Aos 12 anos, Janaína estudou na Classe de Aceleração I.

- *Versão da Professora:* Segundo a professora, Janaína, antes de entrar na Classe de Aceleração I, não tinha frequentado nem mesmo uma 'escola de sítio'. Viera do Norte ou Nordeste sem nenhuma noção de escrita, "nem mesmo de abrir o caderno; a página que abria, abriu". Disse que a aluna foi matricular-se no CBI, sendo remanejada, pela escola, para a Classe de Aceleração I, dada a idade avançada.

- *Versão obtida a partir da Análise dos Prontuários:* Na documentação de Janaína consta a certidão de nascimento, e uma requisição de matrícula para a Classe de Aceleração I.

- *Encontro das versões:* Janaína nunca havia frequentado a escola até matricular-se na Classe de Aceleração I, em 1997. Sua experiência mais próxima à escolar deu-se quando Janaína frequentou uma creche, aos 8 anos, em 93, de onde saiu antes do final do ano. Ficou, assim, dos 8 aos 12 anos sem estudar, em função da perda da certidão de nascimento. Aos 12 anos, em 1997, já com o documento, pôde matricular-se na escola pesquisada, na Classe de Aceleração I.

*A HISTÓRIA DE CARLA E A FALTA DE VAGAS NA ESCOLA

a) História de Vida

Carla nasceu em 30/05/86, estando, na época da pesquisa, com 10 anos. A sua Trajetória Escolar foi marcada pela sua História de Vida, onde mudanças de cidade e bairro, e também um doença na infância - sarampo -, vieram no sentido de protelar sua escolarização. Assim, Carla matriculava-se na escola, mas tendo de se mudar de cidade - do Ceará para São Paulo - ou até mesmo do bairro, abandonava a escola. A dificuldade de encontrar vaga nas escolas também exerceu influência direta. A vaga que conseguiu na escola pesquisada só se deu por intervenção do Conselho Tutelar, que foi procurado pela sua família a fim de auxiliá-los nesse sentido.

b) Trajetória Escolar

- *Versão da Aluna:* Carla disse que estudou em quatro escolas, teve muitas professoras e sempre saía antes do final do ano. Em 96 fez a primeira série na escola pesquisada e em 97 cursou a Classe de Aceleração I.

- **Versão da Família:** Aos 5 anos, logo que a família mudou-se do Ceará para São Paulo, Carla entrou na creche. Não chegou a ficar um ano; teve de sair porque adoeceu de sarampo, tendo de ficar um mês em casa. Com 7 anos, já em outro bairro, entrou na primeira série. Kursou apenas oito meses nesta escola, pois em julho a família mudou de bairro e Carla ficou até o final do ano sem estudar (tinha nesta época 8 anos). Com 9 anos, foi matriculada na escola pesquisada, onde kursou a primeira série até o final. Aos 10 anos, foi matriculada na Classe de Aceleração I.

- **Versão da Professora:** Segundo a versão da professora sobre a escolarização de Carla, a aluna já havia se matriculado em várias escolas, mas que sempre interrompia a escolarização pelas sucessivas mudanças de cidade e bairro. Considera que a aluna já chegou em sua classe alfabetizada, o que, segundo sua hipótese, se deve mais ao fato de seu padrasto tê-la ensinado em casa do que a essas passagens na escola. A professora relaciona sua atual permanência na escola com a estabilidade de moradia, que segundo falou, “estava firmada”.

- **Versão obtida a partir da Análise dos Prontuários:** Não havia documentos referentes ao início da escolarização de Carla. Apenas um documento de transferência datado de setembro de 95. Tal documento inclui um histórico escolar, referente à parte cursada da primeira série.

Dentre a documentação, também havia uma carta do Conselho Tutelar, requerendo matrícula, para Carla, na primeira série. Na ficha cadastral da aluna, consta a procedência escolar da primeira série, cursada em 95. Sua ficha individual data de 1996, quando ingressou na escola pesquisada a fim de kursar a primeira série. Ao término deste ano, passou para a segunda série, mas em função da idade, foi matriculada na Classe de Aceleração I (defasagem de 3 anos).

- **Encontro das versões:** Em 1992, Carla frequentou a creche, mas saiu antes do final do ano porque adoeceu. Em 1993 e 1994, provavelmente não estudou durante o ano letivo inteiro, pois documento de transferência declara que ela kursou a primeira série em 95 (somente até setembro, quando o documento foi emitido). Por não ter conseguido vaga em outra escola, Carla não frequentou escola até o final de 95. Conforme consta na documentação de Carla, é provável que ela tenha conseguido, em 96, uma vaga na escola pesquisada, a partir do requerimento feito pelo Conselho Tutelar, pedindo que ela fosse matriculada. A aluna foi aprovada automaticamente e em 97, matriculou-se na Classe de Aceleração I.

*A HISTÓRIA DE CAROL: AS PRECÁRIAS CONDIÇÕES DO ATENDIMENTO À SAÚDE INFANTIL

a) História de Vida

Carol nasceu em 01/11/85, tendo, na época da pesquisa, 11 anos. Antes de mudar para São Paulo, Carol morou com sua família em diversas cidades. Algumas das mudanças foram ocasionadas pelo trabalho do pai; a maioria delas, no entanto, foi consequência de doença dos irmãos de Carol - dos seus quatro irmãos, três são vítimas de câncer, sendo que outra irmã morrera recentemente, em função da mesma doença. Esta situação familiar ocasionou passagens pela Bahia, Rondônia, interior de São Paulo, até chegarem à capital paulista, para onde se mudaram em busca do auxílio de uma instituição não-governamental que presta apoio médico e social a crianças portadoras de câncer, bem como aos familiares dessas crianças, quando se trata de famílias originárias de outras cidades. A preocupação com sua escolarização fez com que seu pai a ensinasse em casa nos períodos em que não podia ir à escola. Assim, embora tenha tido o seu percurso escolar marcado por constantes interrupções, quando pôde cursar o CBI na escola pesquisada, já sabia as lições.

b) Trajetória Escolar

- *Versão da Aluna:* Carol disse ter feito a primeira e a segunda séries em Rondônia, com, respectivamente, 6 e 7 anos de idade. Não concluiu a segunda série (em 93, ainda com 7 anos) pois mudou-se, no meio do ano, para Lençóis, onde teve de ser novamente matriculada na primeira série, dada a perda dos documentos escolares. Ainda em 93, não concluiu o ano letivo, pois mudou-se para São Paulo, em função dos irmãos doentes.

Com 8 anos, a história se repetiu: foi matriculada, de novo, na primeira série, mas interrompeu os estudos no meio do ano letivo, devido à mudança para Francisco Morato. Com 9 anos, a história também foi parecida, modificando-se apenas o destino da mudança: cursou apenas o começo da primeira série, pois mudou-se com a mãe e as irmãs para a Casa de Apoio à Criança com Câncer⁷, ficando, até o final do ano letivo, sem estudar. Com 10 anos, e já morando com toda a família em frente à Casa de Apoio, foi matriculada e concluiu o CBI na escola pesquisada, vindo a cursar a Aceleração I aos 11 anos, em 1997.

⁷ Instituição não governamental que dá suporte à família de criança doentes, na maioria dos casos, com câncer, fornecendo desde moradia até medicamentos e tratamento médico.

- ***Versão da Família:*** Segundo o relato do pai, aos 6 anos, Carol cursou, por três meses, a primeira série (1992), vindo a interromper os estudos em função de sua mudança para Lençóis. Com 7 anos, em 1993, Carol não pôde ser matriculada em escola alguma, pois ajudava a cuidar dos irmãos doentes. Com 8 anos, já morando em Francisco Morato, Carol cursou novamente a primeira série por apenas dois meses, novamente em função dos irmãos doentes. Com 9 anos, em decorrência da mudança de Francisco Morato para a Casa de Apoio, Carol não estudou, retornando à escola, aos 10 anos, para cursar o CBI na Escola pesquisada (1996), concluindo-o. Com 11 anos, foi matriculada na Classe de Aceleração I.

- ***Versão da Professora:*** Sobre a história escolar de Carol, a professora sabia que a garota cursara, no ano anterior, o CBI naquela escola. Também sabia dizer que ela passara por diversas escolas, em função dos problemas de saúde de seus irmãos, que obrigavam a família a mudar constantemente. Segundo a professora, esta defasagem deu-se em função das faltas e não por não dominar os conteúdos: “Está frequentando a Classe de Aceleração não por ser multirepetente, mas por ter de abandonar a escola, problemas de saúde da família mesmo”.

Embora Carol tenha cursado o CBI, em 96, a professora relata que ela já poderia ter ido para a Aceleração naquele mesmo ano, se a classe não estivesse completa. Conta também que a mãe provavelmente não tinha nem mesmo o histórico escolar da filha, já que a escola não o emite se o aluno não conclui o ano letivo.

- ***Versão obtida a partir da Análise dos Prontuários:*** consta um RG escolar, Ficha de Recadastramento, Certidão de Nascimento e solicitações de matrícula no CBI, em 1996, e na Classe de Aceleração I em 97. Não consta histórico, tampouco procedência escolar.

- ***Encontro das versões:*** Em 1992, com 6 anos, Carol cursou, em Rondônia, a primeira série e foi aprovada. Em 93, com 7 anos, começou a cursar a segunda série, porém mudou-se no meio do ano letivo para Lençóis e, como perderam seus documentos de transferência, voltou a matricular-se na primeira série, já no ano de 1994, quando tinha 8 anos. Novamente não concluiu esta série, uma vez que mudou-se, mais uma vez, de cidade (Francisco Morato), ficando até o final do ano letivo sem estudar. Com 9 anos (1995) foi novamente matriculada na primeira série, e mais uma vez interrompeu, mudando-se para a Casa de Apoio. Com 10 anos e 11 anos, pela primeira vez

frequentou a escola até o final do ano letivo, já na escola pesquisada, cursando o CBI e a Classe de Aceleração I, respectivamente.

*A HISTÓRIA DE SEBASTIÃO REVELANDO AS MAZELAS DA REDE PÚBLICA PRÉ-ESCOLAR

a) História de Vida

Natural da cidade de São Paulo, mas descendente de migrantes nordestinos, Sebastião nasceu em 17/08/85, tendo, portanto, no momento da pesquisa, 11 anos. O garoto sempre morou e estudou nesta cidade, tendo frequentado, em todos os seus anos de escolarização, apenas duas escolas.

Filho mais velho, ele tem, muitas vezes, a função de cuidar dos irmãos menores, o que exerce alguma influência na sua vida escolar. Segundo sua mãe, quando tinha sete anos, Sebastião perdera muitas aulas, porque tinha de ficar em casa olhando os irmãos mais novos, já que ela vivia com um dos filhos, sempre doente, pelos hospitais. Disse, ainda, que no começo do ano (primeiro semestre da Classe de Aceleração) Sebastião também faltara muito, “por causa do médico da coluna” - desta vez, a questão fora com Sebastião mesmo.

b) Trajetória Escolar

- *Versão do Aluno:* Sebastião contou que em 1992, quando tinha 6 anos, cursou primeira série em outra escola, sendo aprovado para a segunda série, que cursou em 1993, tendo reprovado, segundo relatou, por falta. Em 94 e 95, cursou novamente a segunda série na mesma escola, sendo reprovado nos dois anos (na primeira vez, por falta, na segunda, pois tinha de cuidar dos irmãos). Em 96, aos 10 anos, Sebastião frequentou, pela quarta vez sucessiva, a segunda série, mas a mãe o retirou da escola antes do final do ano letivo, porque, segundo ele relatou, bagunçava muito na classe. Ficou até o final do ano sem estudar, mudando, no ano seguinte (1997), de escola, onde cursou a Classe de Aceleração I.

- *Versão da Família:* Segundo o relato da mãe, em 92 aos 6 anos, Sebastião fez a primeira série, em uma escola, passando para a segunda série “fraca”, o que, segundo ela, “era a mesma coisa que repetir”. De 93 a 95, Sebastião cursou a segunda série de novo, sendo reprovado em ambos. Em 96, aos 11 anos, cursou pela quarta vez a segunda série, saindo antes do término do ano

letivo, pois a mãe disse já estar “cansada de tanta reclamação”. Em 1997, foi transferido, matriculando-se na Classe de Aceleração I da escola pesquisada.

- **Versão da Professora:** Sobre a história escolar de Sebastião, a professora sabia que ele era multirepetente, tendo estudado sempre na mesma escola, antes de se mudar para a escola pesquisada. Ingressara na escola com a idade certa, e desde a promoção automática para o CBC, sempre repetiu de ano. A professora também sabia, a partir de conversa com a mãe do garoto, que ela optara por transferi-lo para a atual escola a fim de separá-lo um pouco dos colegas da rua, que frequentavam todos a outra escola (mais próxima à sua casa), e também porque ouvira dizer que a nova escola era muito boa. Também achava, pelo que lhe contava o garoto, que na sua história escolar fora muito presente a troca de professores e remanejamentos: “Pelo que ele conta, ele começava numa classe, depois ia para outra...”.

- **Versão obtida a partir da Análise dos Prontuários:** Na documentação de Sebastião constam inúmeras FADAs (Ficha de Avaliação do Desempenho do Aluno), comprovante residencial, além da ficha de cadastramento na Secretaria de Educação. Em um documento, seu nome vem trocado por outro semelhante do sexo feminino, e em uma das FADAs, foi descrito como “a aluna”. No item referente à procedência escolar não consta nenhum dado, embora, em outro documento (histórico escolar) haja referência à época em que estudou em outra escola. Este histórico certificava que Sebastião cursara o CBI em 93, estando apto a cursar o CBC. Mencionava, também, que em 1996, cursara o CBC, ficando retido. Em 1997, é requerida matrícula na Classe de Aceleração I.

- **Encontro das versões:** Em 1993, com 7 anos, Sebastião cursou o CBI, em outra escola, sendo aprovado, por decreto, para o CBC. Em 1994 e 1995, com 8 e 9 anos, respectivamente, Sebastião cursou e reprovou a segunda série, também nesta escola. Em 1996, com 10 anos, matriculou-se, novamente, na segunda série, na mesma escola, mas reprovado, mudou-se de escola. Em 1997, já na escola pesquisada, cursou a Aceleração I.

V. REFLEXÕES A PARTIR DA PESQUISA:

O contato estabelecido com os alunos e seus familiares, assim como com a professora permitiram entrever o quanto a situação de vida desses alunos interfere diretamente no seu processo de escolarização. Situações tais como a migração, a perda de documentos, a falta de

vagas, uma doença na família ou mesmo a dificuldade de manter-se nas escolas advinda de necessidades familiares, assim, determinaram a situação de defasagem escolar desses alunos.

Marcada pelo processo migratório –sobretudo, da região nordeste do país - grande parte dessas famílias, quando chega em São Paulo, passa a contar quase que exclusivamente com os próprios recursos para a sua sobrevivência. Assim, o apoio que eles possivelmente poderiam receber provém muito mais de familiares que permanecem nos seus próprios locais de origem do que de parentes ou amigos residentes na cidade de São Paulo. Estudos recentes sobre as famílias de classes populares (Mello, 1988; 1992) revelam a importância dos laços de vizinhança como apoio nos momentos de maior necessidade vividos pela família. Esse parece ser um dos fatores que contribui para as inúmeras mudanças que a maioria dessas famílias experimenta, quer seja no local de moradia, quer seja a volta para os locais de origem. Essas mudanças, indubitavelmente, interferem na escolarização desses jovens.

Tal situação se agrava uma vez que, não raro, quando essas famílias chegam nesta cidade, a época de matrícula escolar já passou, e a criança acaba ficando sem estudar por falta de uma escola que a acolha em qualquer época do ano. O mesmo ocorre em relação à documentação, que muitas vezes se perde nestas mudanças. Chegando à escola sem os documentos escolares, ou mesmo sem o documento pessoal da criança, os familiares ficam impedidos, pela burocratização da instituição, de matricular seus filhos, que novamente permanecerão fora das salas de aula, até que se adequem, perfeitamente, às suas exigências.

É importante ressaltar que a falta de vagas nas escolas públicas paulistas, bem como a burocratização que caracteriza a rede pública de ensino, acima citadas, não são situações vividas exclusivamente pelas famílias de crianças migrantes. Tais problemas, outrossim, atingem o sistema público de ensino de maneira geral. Todos sabemos das filas nas portas das escolas às vésperas do início do ano letivo, quando mães chegam horas antes da matrícula (quando não na noite anterior), a fim de garantir a vaga de seus filhos; essas vagas, muitas vezes, são sorteadas, ficando, as mães, a depender “da sorte” para todos os seus.

Assim também acontece em relação à exigência de documentos para a efetivação da matrícula: as famílias dos alunos que perderam os documentos, ou que ainda não o tiraram, vêm-se às voltas com esta questão. Vale destacar que tal exigência possui caráter estritamente burocrático, tendo importância tão somente até o ato da matrícula. A consulta ao prontuários escolares revelou, dentre outros aspectos, o quanto a organização desses documentos é precária, fato este também ressaltado em uma pesquisa recente que analisa a documentação escolar de alunos das classes especiais (Amaral, 1998). Tais circunstâncias apontam, pois, para a urgência de se pensar em alternativas administrativas que privilegiem a escolarização em si, e não a

burocratização que envolve o iniciar ou dar continuidade a tal processo. É fundamental que se reavalie, a partir da realidade concreta, as exigências feitas aos responsáveis por tais alunos.

Para além dessas barreiras para entrar na escola, as famílias mais pobres deparam-se, quando conseguem matricular seus filhos, com a necessidade de gastar dinheiro para a compra de material didático e roupas, denotando o quanto os seus processos de escolarização estão na dependência, também, de fatores econômicos. Tal situação agrava-se no caso daquelas famílias que são chefiadas por mulheres, mais penalizadas que são do ponto de vista econômico. Nessas famílias, também a escolarização do filho mais velho muitas vezes é sacrificada, pois será ele quem irá cuidar dos mais novos, até que eles cresçam e possam ir à escola ou a uma creche.

Há, ainda, que se considerar as dificuldades vividas por aquelas famílias que tiveram história de doença, como era o caso não só de Carol, mas de outros alunos da classe pesquisada. Ora de extrema gravidade (o problema nos rins de Lúcio ou a doença provocada em um acidente doméstico, como o fora com Gilmar), ora de caráter menos grave (os furúnculos na cabeça de Cleber), tais doenças, apesar de não estarem diretamente ligadas à escolarização, causaram impacto na história escolar desses alunos. Famílias que passavam por esta situação relataram experiências tais como: a reprovação por excesso de faltas; a necessidade de abandonar a escola ou de mudar de cidade e “perder a vaga”; ou mesmo um retardamento no início da escolarização, pela sua impossibilidade.

Dificuldades de encontrar vagas nas escolas; de possuir os documentos requeridos no momento da matrícula; de conseguir dar conta dos custos da escolarização; ou de conciliar a educação escolar com outras situações de vida acabam funcionando como empecilhos ao processo de escolarização, e, muitas vezes, relegando-o a segundo plano. Tais situações muitas vezes extrapolam o âmbito escolar, mas nele repercutem. Assim, não foi raro depararmos-nos com histórias que denotavam a precariedade que se encontravam outros órgãos e instituições públicas que deveriam atender a essa população, situação esta que acabava por dificultar ainda mais que essas crianças frequentassem a escola.

Não parece justo, pois, que a escola pública, ao invés de facilitar o acesso de famílias de baixa renda, dificulte ainda mais suas entradas e permanências. É preciso atentar ao fato de que a escolarização da imensa maioria das crianças e adolescentes das classes populares não é algo minimamente garantido, como o é para crianças da classe média ou alta, mas circunstancial, só

ocorrendo efetivamente quando outras necessidades estiverem atendidas. Do contrário, é uma das primeiras a cair; sustentada, que está, por um equilíbrio tão frágil.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARAL, T. P. Recuperando a história oficial de quem já foi aluno “especial”. São Paulo, 1998.

Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

ANDRÉ, M. E. D. A. Tendências atuais da pesquisa na escola. Caderno Cedes, ano XVIII, n. 43, p. 46-57, dez. 1997.

ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, Contexto e Significados: Algumas questões na análise de dados qualitativos. Caderno de Pesquisas, S. Paulo, n.45, p. 66-71, mai. 1983.

EZPELETA, J. & ROCKWELL, E. Pesquisa Participante. São Paulo, Cortez, 1986.

MELLO, S.L. Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo, S. Paulo, Ática, 1988.

MELLO, S.L. Classes populares, família e preconceito. Psicologia USP, v. 3, n. 1/2, p. 123-130, 1992.

MERCADO, R. M. La construcción de la documentación etnográfica. In ROCKWELL, E.; EZPELETA, J. et alii. La práctica docente y el contexto institucional y social. Informe Final, vol. 3, México, 1987.

PATTO, M. H. S. A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo, T. A. Queiroz, 1990.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO. Documento de Implantação. Reorganização da Trajetória Escolar: Classes de Aceleração. S. Paulo, 1996.

SOUZA, M. P. R. Contribuições da Pesquisa Etnográfica para a Compreensão de Fracasso Escolar. In MACHADO, A. M. & SOUZA, M. P. R. (orgs.). Psicologia Escolar: em busca de novos rumos. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.